

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

CAROLINA CANEVA DA SILVA

A EDUCAÇÃO FÍSICA E O TRABALHO UNIDOCENTE: ENTRE UM QUERER
FAZER E AS SUAS (IM)POSSIBILIDADES

Porto Alegre

2019

CAROLINA CANEVA DA SILVA

A EDUCAÇÃO FÍSICA E O TRABALHO UNIDOCENTE: ENTRE UM QUERER
FAZER E AS SUAS (IM)POSSIBILIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção da graduação em
Licenciatura em Educação Física,
da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul-UFRGS.

Prof^ª. Orientadora: Raquel da Silveira

Porto Alegre

2019

Carolina Caneva da Silva

A EDUCAÇÃO FÍSICA E O TRABALHO UNIDOCENTE: ENTRE UM QUERER
FAZER E AS SUAS (IM)POSSIBILIDADES

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Denise da Fonseca Grosso - UFRGS

Orientadora – Prof^a. Dr^a Raquel da Silveira – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a minha família, pai, madrasta, irmãos e vó por todo o suporte e carinho que recebi ao longo desses anos.

Um agradecimento especial para a minha mãe Débora que me ensinou a ser perseverante, a ter esperança e a sorrir mesmo nos momentos mais difíceis.

Ao meu marido, Giovanni, que esteve participando dessa longa jornada respeitando meus conflitos, escutando minhas queixas e vibrando a cada conquista.

Gostaria de agradecer também a professora Raquel da Silveira, que trilhou meu caminho em direção ao saber. As conversas incessantes sobre a docência e seus caminhos e por incentivar meu crescimento acadêmico.

Por fim agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul por proporcionar as mais variadas vivências dentro do saber e meu crescimento pessoal através de um ensino gratuito e de qualidade.

RESUMO

Nas etapas finais da minha graduação em Educação Física, ao realizar o segundo estágio obrigatório dentro de uma escola pública de Porto Alegre, chamou a minha atenção a atuação unidocente que se materializa nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Observei através de relatos de colegas e rotina das professoras unidocentes que, embora a Educação Física faça parte dos componentes obrigatórios dos anos iniciais do Ensino Fundamental, existem diferentes formas de ver, pensar e ministrar as aulas de Educação Física. Com isso surgiu o interesse de conhecer como as professoras unidocentes atuam nas aulas de educação física, quais são suas diferentes formas de fazer e suas (im)possibilidades. Assim, o objetivo deste estudo é compreender como a Educação Física acontece nos anos iniciais do Ensino Fundamental com professoras unidocentes, em uma escola pública de Porto Alegre/RS. As questões que nortearam esta pesquisa foram: quem são essas professoras? O que pensam sobre a Educação Física? Quais são suas vivências, experiências e formações relacionadas à Educação Física? Como acontecem as aulas de Educação Física em suas turmas dentro desse contexto social e cultural? Para isso, a metodologia de pesquisa escolhida se aproxima dos estudos antropológicos. Realizei observações, diários de campo e entrevistas semi-estruturadas. Ao término desse processo foram construídas categorias analíticas que emergiram do campo empírico e possibilitam olhar a unidocência e a educação física em um contexto cultural e social nos dias atuais.

Palavras chave: Unidocência. Ensino Fundamental. Educação Física.

ABSTRACT

In the final stages of my graduation in Physical Education, when I completed the second compulsory internship in a public school in Porto Alegre, I was struck by the one-teacher school practice teachers performance that is materialized in the initial years of elementary school. I have observed through reports from colleagues and the routine of one-on-one teachers that, although Physical Education is part of the compulsory components of the early years of Elementary Education, there are different ways of seeing, thinking and delivering Physical Education classes. With this came the interest of knowing how the one-teacher school practice teachers act in the classes of Physical Education, what are their different ways of doing and their (im)possibilities. Therefore, the objective of this study is to understand how Physical Education happens in the initial years of elementary school with One-teacher school practice teachers, in a public school in Porto Alegre/RS. The questions that guided this research were: who are these teachers? What do you think about Physical Education? What is their background, experiences and training related to Physical Education? How do Physical Education classes take place in their classes within this social and cultural context? For this, the chosen research methodology approaches anthropological studies. I made observations, field diaries and semi-structured interviews. At the end of this process, analytical categories were selected that emerged from the empirical field and made it possible to look at one-teacher school practice and Physical Education in a cultural and social context in the present day.

Key words: One-teacher school practice. Elementary school. Physical Education.

“Não há lugar mais triste que uma escola sem crianças”.

Professora Isadora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
8	
REFERENCIAL TEÓRICO	
11	
A unidocência e a educação física nos anos iniciais do ensino fundamental	
12	
METODOLOGIA	
17	
A aproximação com o universo estudado	
18	
UNIDOCÊNCIA E AS SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA: OLHARES PARA UMA ESCOLA ESTADUAL DE PORTO ALEGRE	
22	
Trajetória das professoras: o caminho para a unidocência	
23	
A educação física e suas (im)possibilidades do fazer	34
REFERÊNCIAS	
47	
APÊNDICE 1	
49	
APÊNDICE 2	
51	

INTRODUÇÃO

Iniciei minha formação profissional logo no Ensino Médio com o curso de magistério na Escola Estadual Dom Diogo de Souza no ano de 1997. Desde o início do curso um dos fatos que mais chamaram minha atenção era o de não haver uma disciplina de didática da educação física para os anos iniciais do Ensino fundamental e Educação Infantil. Durante as minhas aulas de “educação física” (EFI) no magistério construímos uma pasta denominada “atividades ao sol”, que continha brincadeiras e jogos como sugestões de atividade para as aulas no pátio. Essas atividades eram as que mais se aproximavam das práticas de educação física escolar. Contudo, ficava evidente que ‘não davam conta’ dos conteúdos e especificidades daquilo que eu dimensionava como educação física.

Nesse mesmo curso foi discutido inúmeras vezes a Leis de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/1996) onde o Art. 26, no parágrafo 3º diz “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação infantil e do ensino fundamental” etapas de ensino para a qual estávamos sendo formados.

Essa lei e a minha trajetória no curso de magistério fizeram com que eu buscasse uma formação mais completa ingressando o curso de EFI. Durante o curso de graduação, o qual ingressei em 2010/2, estive voltada para a área da educação. No final da graduação, em 2018/1, a vivência do estágio no ensino fundamental, me provocou a refletir que embora tenhamos leis e parâmetros específicos para a educação física dentro da escola como área de conhecimento, a mesma parece não receber semelhante importância que as outras disciplinas dentro do currículo escolar, em especial, nos anos iniciais, onde uma professora unidocente tem a responsabilidade de contemplar todos os conteúdos dessa etapa do ensino.

Foi durante esse estágio obrigatório que percebi com mais clareza, que o universo da escola é imenso. Diversos fatores integram a construção das aulas e do currículo da escola e isso me conduziu a olhar para escola de outra forma,

um olhar mais atento, cuidadoso e participativo. Por esse motivo busquei a monitoria da disciplina de Estágio no Ensino Fundamental, a qual realizei em 2019/1. Com a experiência da monitoria pude fortalecer relações que já haviam sido estabelecidas e ter a oportunidade de observar e vivenciar a rotina das professoras unidocentes, e assim construindo respostas para as minhas indagações.

Na busca de compreender esse universo, além da monitoria, busquei na literatura suporte para auxiliar nesse processo de investigação. Sendo assim em um primeiro momento procurei em sites de pesquisa acadêmica textos e artigos que tratassem da unidocência a fim de compreender esse universo. Além disso, acessei as leis que regem a unidocência nos anos iniciais do Ensino Fundamental assim como as Bases Curriculares Nacionais Comuns e os Pareceres Curriculares Nacionais que dão suporte pedagógico para a mesma. Com isso pude conhecer mais sobre a temática e construir questões que entendi ser pertinentes para nortear esta pesquisa.

Nesse processo de aproximação com a temática, leituras e questionamentos, fiquei interessada em compreender a rotina das professoras unidocentes e seu trabalho relacionado à educação física. Para isso considerei que era preciso olhar 'de perto' para esse universo do cotidiano da escola pública e das professoras, e assim vivenciar essa rotina escolar que passei a entender como complexa e atravessada por inúmeros elementos da nossa cultura e sociedade. Estar mais tempo dentro da escola com a monitoria acadêmica, possibilitou que eu pudesse conhecer, participar e interagir de forma mais intensa com esse universo. Observar que, assim como a cultura e a sociedade, a escola está em constante mudança e isso afeta de forma significativa as relações e a educação dentro da mesma.

Assim, direcionando meu olhar para os anos iniciais do ensino fundamental, realizo este trabalho com o objetivo de compreender as diferentes formas de fazer educação física e suas (im)possibilidades nos anos iniciais do Ensino fundamental por professoras unidocentes. Para isso me proponho a olhar para a unidocência e compreender quem são essas professoras? O que pensam sobre o seu fazer? Quais são suas vivências e experiências de

formação e profissionais? E, por fim, como acontecem as aulas de educação física dentro desse contexto social e cultural?

A metodologia da pesquisa é sustentada com a aproximação dos estudos antropológicos a partir da etnografia. Realizei observações de aulas dos anos iniciais do ensino fundamental e entrevistas semi-estruturada com as professores unidocentes de uma escola estadual de Porto Alegre/RS. Ao término desse processo estabeleci categorias analíticas que emergiram do campo empírico, as quais trazem elementos importantes para compreendermos a unidocência e a educação física no contexto cultural e social dos dias atuais.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Ensino Fundamental é a segunda etapa da Educação Básica, e tem como característica ser a mais longa etapa de ensino, passando por diferentes fases do desenvolvimento infantil. Nesse processo as crianças passam por diversas mudanças 'relacionadas a aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais entre outros' (BRASIL 2017, p. 55). E para que se possa atingir de forma eficaz essas mudanças, o Ensino Fundamental foi dividido em duas fases distintas, Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental.

Os Anos Iniciais tem como objetivo proporcionar aos alunos a transição da educação infantil para os anos finais, onde o aluno deve ter uma atitude ativa na "construção do conhecimento". São nos anos iniciais do ensino fundamental que o aluno adquire uma maior autonomia em seus movimentos, tem a oportunidade de familiarizar-se com diferentes linguagens, aprende o uso da escrita e matemática, permitindo a participação no mundo letrado e na construção de novas aprendizagens, além de sua afirmação no coletivo (BRASIL, 2017).

As características dessa faixa etária demandam um trabalho no ambiente escolar que se organize em torno dos interesses manifestos pelas crianças, de suas vivências mais imediatas para que, com base nessas vivências, elas possam, progressivamente, ampliar essa compreensão, o que se dá pela mobilização de operações cognitivas cada vez mais complexas e pela sensibilidade para apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar (p. 58).

Segundo Larrosa (2006) devemos pensar nas crianças como seres únicos, diferentes umas das outras, com característica e necessidades distintas. Esses diferentes tipos de infância são ricos em saberes, culturas, e vão além de nossos entendimentos. Cada criança traz para a sala de aula a incerteza, o descontrole, e o desconhecido. É algo que não podemos antecipar, que está sempre além do que sabemos, esperamos ou queremos. O autor fala sobre a importância de se pensar em uma educação baseada nas diversidades, culturais, e nas necessidades de nossos alunos, fugindo sempre da

homogeneização, buscando um equilíbrio entre o conhecimento que essa criança traz para a sala de aula e aquele que queremos que ela aprenda, a educação deve ser dar através de trocas de saberes entre professores e alunos aceitando o caos e as incertezas da rotina escolar. Larrosa (2006). Dessa forma a educação é uma ação pensada, calculada, projetada para que se alcance um determinado objetivo, e esse objetivo só é alcançado quando o professor consegue fazer com que o ensino passe do possível para o real.

Por esse motivo se faz necessário pensar na educação de diferentes formas dentro da escola. Uma das formas diz respeito às aulas dos anos iniciais do ensino fundamental, fase importante no desenvolvimento das crianças, onde o professor unidocente¹ é o responsável pela formação integral do aluno. A oportunidade de poder passar um tempo maior em sala com seu aluno proporciona a esse professor/a a oportunidade de verificar as dificuldades e desenvolver os conteúdos. Assim como possibilita ao mesmo identificar particularidades de forma que o aluno possa aprender de maneira globalizada, interdisciplinar, contribuindo para a formação integral do mesmo. O planejamento deste professor unidocente deve abranger diferentes áreas do conhecimento, porém muitas vezes esses professores, mesmo relatando sobre a interdisciplinaridade, acabam trabalhando de forma mais eficaz a alfabetização e a matemática deixando de lado outras áreas (Lima, 2012).

A unidocência e a educação física nos anos iniciais do ensino fundamental

Hoje no Brasil a educação física é componente curricular obrigatório em toda a educação básica, regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e tendo sua obrigatoriedade determinada pela Lei n.10.328

¹ No Estado do Rio Grande do Sul o termo unidocente é utilizado para especificar o professor que está habilitado a lecionar todas as disciplinas do currículo de 1º ao 5º ano (NORA SAWITZKI, 2014).

(BRASIL, 2001). A mesma poderá estar a cargo do professor regente ou do especialista na área, segundo Artigo 31 da Resolução CNB/CEB n.07/2010 (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2010).

Dentro da sua importância como componente curricular, é fundamental que se preserve a sua especificidade na escola. Apropriar-se dos elementos da cultura corporal se faz necessário para que seu conteúdo possa firmar-se como linguagem, como produção histórica, como elemento da cultura em seu tempo. Conforme afirma Soares (1996)

A Educação Física está na escola. Ela é uma matéria de ensino e sua presença traz uma adorável, uma benéfica e restauradora desordem naquela instituição. Esta sua desordem é portadora de uma ordem interna que lhe é peculiar e que pode criar, ou vir a criar outra ordem na escola. Para realizar esta tarefa, a Educação Física deve, sobretudo, preservar, manter e aprofundar a sua especificidade na escola. Deve, evidentemente, fazer isto sem isolar-se ou colocar-se à parte e alheia. E como se preserva o que é seu? Sabendo, sobretudo, o que é seu e assim, certamente, exacerbando muito mais conflitos e dores (SOARES, 1996, p. 7).

É importante destacar que com a finalidade de regulamentar a educação Brasileira, uma série de documentos elaborados pelos governos Federal, Estaduais e Municipais procuram proporcionar a todos os estudantes conhecimentos básicos e específicos para cada etapa de ensino e para cada região respeitando costumes e oferecendo oportunidades iguais de aprendizagem para todos.

O currículo do ensino fundamental tem uma Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2017) que consiste no documento que determina os conhecimentos essenciais para toda a educação básica. Antes desse documento, já havia os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) os quais foram um importante auxílio para os professores com conteúdos e objetivos das disciplinas. Esses últimos não tinham caráter obrigatório, mas deveriam servir de base para nortear os planejamentos dos professores devendo se levar em conta as características territoriais e sociais das escolas e turma que atuavam. E por fim, no estado do Rio Grande do Sul, foram elaborados o Referencial Curricular Lições do Rio Grande (2009) o qual tinha por finalidade aproximar os conteúdos

com a realidade local, as necessidades dos alunos, as características regionais da sociedade, da cultura e da economia. Em síntese, podemos perceber que a educação física está legalmente sustentada dentro do âmbito escolar por inúmeros aparatos. Segundo o Referencial Curricular, são documentos de grande importância para consolidar o principal objeto de estudos da educação física: a cultura corporal do movimento.

Apesar das controvérsias em torno da LDB e dos PCN's, não há como negar a importância destes documentos na consolidação da cultura corporal de movimento como objeto de estudo da Educação Física. Neles fica claro que, tornar os alunos fisicamente aptos, não deve mais ser a principal finalidade dessa disciplina na escola, e sim levar os estudantes a experimentarem, conhecerem e apreciarem diferentes práticas corporais sistematizadas, compreendendo-as como produções culturais dinâmicas, diversificadas e contraditórias (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p. 113).

É importante destacar que através dos anos passamos por um processo longo de lutas e conquistas para que a educação física pudesse ser reconhecida como componente curricular obrigatório dentro das escolas. Entretanto, essas lutas, conquistas e amparos legais promulgados ao longo dos anos, ainda parecem insuficientes para que possamos ter legitimidade dentro das escolas, visto que nossas conquistas são recentes e estamos em constantes ameaças. Um exemplo foi a medida provisória elaborada em 2016, Medida Provisória (MP) 746/2016 que propôs a retirada da obrigatoriedade da educação física no Ensino Médio².

Mesmo com todas essas conquistas e aparatos legais, observamos que a educação física nos anos iniciais do ensino fundamental, na rede Estadual do RS, ainda não contempla todos os alunos com essas mudanças. Por esse motivo diferentes estudos estão sendo realizados na área visando pensar na educação física e nas suas diferentes formas de fazer. Contreira e Krug (2010) chamam a atenção para a importância de se pensar a educação física nos anos

² Ver reportagem no link:
<http://www.ebc.com.br/educacao/2016/10/entenda-reforma-do-ensino-medio>
<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/apos-alteracao-educacao-fisica-artes-seguem-obrigatorias-no-ensino-medio-20168198> (acessado em 24/05/2019).

iniciais, visto que, o estado do Rio Grande do Sul não contrata professores de educação física para essa etapa do ensino fundamental. Por esse motivo quando chegamos nas escolas nos deparamos com os mais diversos tipos de profissionais atuando nessa área o que segundo os autores, acontece devido a dois fatores: a falta de especificação na LDB (BRASIL, 1996) indicando que tipo de profissional deve atuar nas aulas de educação física do anos iniciais deixando a escola “livres” para decidirem que tipo de profissional deverá atuar nessa área de ensino. E o segundo fator está relacionado com as gratificações que o governo do estado garante para os professores que atuam nessas classes, legitimada pela lei nº 8.747, de 21 de novembro de 1988.

Contudo Fonseca e Cardoso (2014) ao analisar os documentos legislativos, Parecer CNE/CEB nº11/2010, assim como Parecer CNE 16/2001 e o Parecer 853/1971, e ao entrevistar professoras unidocentes, percebe que embora, os textos normativos, comprovem que a assessoria de professores/as especialistas na área da educação física, e educação artística, não desqualificariam a condição de unidocência e sua gratificação. As professoras entrevistadas relatam que sentem-se ameaçadas pela perda da gratificação salarial, caso haja outra professora atuando em sua turma, demonstrando desconhecer os documentos legislativos citados pelas autoras.

Dada as características da função da unidocência nos anos iniciais é notória a importância dos mesmos colocarem-se a par dos mais variados conhecimentos, visto que nesta fase do ensino esse professor/a deve trabalhar seus conteúdos de forma interdisciplinar Cruz e Neto (2012). Os autores perceberam que em seu estudo que existem lacunas no currículo de formação desses profissionais, oferecendo uma capacitação fragilizada para exercer tais funções. Visto que com frequência os professores/as unidocentes queixam-se de suas formações, tanto no magistério como no curso superior.

As mesmas dificuldades são encontradas em Nora e Sawitzki (2014) onde se percebe que embora os professores/as estejam atuando em sala de aula de forma integral, os mesmos, demonstram dificuldade com os conteúdos da educação física. Os principais motivos, segundo essas professoras, são a

falta de tempo para o planejamento de suas aulas e o desconhecimento dos conteúdos específicos da educação física.

Contudo o mesmo não acontece com os demais componentes curriculares dos anos iniciais. Conteúdos como os de português e matemática por exemplo tem grande importância no planejamento dessas unidocentes, pois são considerados fundamentais para o desenvolvimento dos alunos. Por esse motivo Fraga (2005) discorre a importância de entender a educação física como importante área de conhecimento, devendo o mesmo ser incorporado ao currículo dos anos iniciais.

Penso que seria muito mais produtivo para a educação física incentivar cada vez mais a apropriação do conhecimento específico produzido no campo, pleitear a inclusão da área na elaboração de planejamentos e incentivar intervenções pedagógicas cada vez mais articuladas aos demais componentes curriculares obrigatórios (p. 01).

Pensando na educação física nos anos iniciais do ensino fundamental e na sua posição como componente curricular Nora e Sawitzki (2014) acreditam que a mesma não pode se limitar somente na ampliação do repertório das professoras unidocentes e suas práticas durante as aulas de educação física. Ela precisa fazer parte da organização curricular da escola, através de uma seleção e da sistematização de seu conteúdo. Como uma prática social, e um conhecimento construído ao longo dos anos pela humanidade, as aulas de educação física devem proporcionar aos alunos a apropriação desses conhecimentos.

Fraga (2005) ainda chama a atenção para as questões relacionadas a quem deve ministrar essas aulas nos anos iniciais. Segundo o autor essa disputa por espaço, desvaloriza o trabalho das professoras unidocentes, fazendo com que as mesmas não se sintam capazes de ministrar essas aulas, entendendo que esse conhecimento está distante de seu universo de trabalho. Assim as mesmas muitas vezes deixam de realizar as aulas quando não tem um professor específico para assessorar.

Dada a importância da educação física como componente curricular dos anos iniciais do ensino fundamental, para o desenvolvimento integral de seus alunos e a relação das professoras unidocente com os conteúdos específicos da

área. Esse estudo sugere um olhar mais atento para a unidocência e a forma complexa como ela é atravessada por inúmeros elementos da nossa cultura e sociedade. Realizo assim este trabalho com o objetivo de **compreender as diferentes formas de fazer educação física e suas (im)possibilidades nos anos iniciais do Ensino fundamental por professoras unidocentes em um escola estadual de Porto Alegre.**

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa optou-se por uma aproximação com as metodologias qualitativas, em especial com os ensinamentos metodológicos dos estudos etnográficos. Segundo Angrosino (2009), a etnografia tem como objetivo estudar pessoas em grupos organizados e duradouros. Para compreender a vida peculiar desse grupo, o pesquisador deve ir a campo, participar do dia a dia do objeto estudado e se apropriar de diferentes tipos de ferramentas metodológicas para a elaboração dos dados, as quais visam interagir com o grupo, a fim de compreender sua cultura. Importante destacar que esses estudos não buscam testar hipóteses e teorias já existentes, mas sim construir modelos gerais de teorias explicativas buscando revelar o retrato mais completo possível do grupo estudado (p. 31), é a interpretação dos padrões culturais de um contexto específico desenvolvido através das representações do indivíduo que está dentro do universo estudado.

Para que se possam atingir tais objetivos Oliveira (1996) destaca que os atos de olhar, ouvir e escrever são três momentos importantes na elaboração do conhecimento. O 'olhar' busca o significado das relações sociais e a cultura do grupo. Ressalta que se deve 'olhar' para o cotidiano de perto e de dentro proporcionando ao pesquisador ver como funciona essa realidade no cotidiano. O 'ouvir' completa o 'olhar', o que dá sentido para que possamos compreender o que está acontecendo, através das falas de quem vivencia os fatos diariamente. Por fim é no 'escrever' que encontramos o desafio de vincular os dados de campo, com o sistema conceitual, devendo dialogar entre si, evitando o olhar crítico, e a descaracterização da cultura da comunidade.

Partindo desses ensinamentos metodológicos, realizei o trabalho de campo nos anos iniciais de uma escola pública estadual da cidade de Porto Alegre em que pude estar em diferentes momentos em contato com as professoras unidocentes e a professora de educação física da escola. Procurei me colocar dentro desse grupo como uma observadora participante, na direção de ser aceita, não só como pesquisadora, mas como membro daquela

comunidade escolar, aumentando gradativamente ao longo da pesquisa a confiança e simpatia de seus membros enriquecendo minhas observações, relatos e entrevistas.

A aproximação com o universo estudado

A escolha do *lôcus* para a realização dessa pesquisa deu-se devido ao acolhimento que essa escola disponibiliza aos alunos da UFRGS, durante sua passagem no estágio obrigatório da graduação do curso de licenciatura em educação física. Localizada em um bairro onde as condições de vida são de boa qualidade, em Porto Alegre, tendo perto da mesma, praças, a Escola de Educação Física Fisioterapia e Dança (ESEFID), a qual é utilizada pelos moradores do bairro como opção de lazer, assim como mercados e shopping. É uma escola pública estadual que abrange um público bem variado. Antigamente acolhia somente moradores próximos, e todos os seus familiares, hoje segundo relato professora Isadora³:

É uma escola de transição, com o corte do dinheiro e as escolas fechando, o governo tem colocado dentro das salas de aula o maior número de alunos possíveis, caso contrário a escola fecha. Então hoje temos na escola alunos de diferentes bairros de Porto Alegre, que não ficam aqui porque a escola é de difícil acesso, sem ônibus na porta, logo eles vão embora.
(Isadora, entrevista realizada em 10/04/2019)

Os alunos daqui tinham o perfil do bairro, mas já está mudando, porque a escola é diferencial, que tem um diferencial, da comunidade que acredita que nessa escola é diferente das outras escolas do bairro, mas o que acontece, por 'enes' motivos, de um tempo pra cá, e vou falar só do tempo que estou aqui, antes era só alunos do bairro e irmãos e filhos de pais que estudaram aqui, agora mudou ela virou quase uma escola trânsito, porque como ela não tem fácil acesso, não tem ônibus na porta, às vezes a secretaria manda alunos eles ficam um tempo e vão embora
(Valéria, entrevista realizada em 08/04/2019)

À primeira vista encontramos nesta escola características muito próximas às escolas particulares, poucos alunos, uma boa infraestrutura, materiais adequados à faixa etária e pais presentes. Um olhar mais atento, porém, verá

³ Os nomes das professoras foram substituídos por nomes fictícios, para preservar sua identidade, conforme acordado no Termo de consentimento livre esclarecido, ver Apêndice 1.

que os pais permanecem na escola durante toda a tarde o fazem para economizar no transporte, pois moram longe e o deslocamento é custoso e demorado. Além disso, vemos a precariedade de muitos materiais, principalmente de educação física, e a falta de recursos humanos na área da limpeza, secretariado e docência.

O fato de ter poucos alunos na escola, segundo as professoras, acontece por uma desvalorização do ensino público, e a oferta de diferentes valores por escolas particulares, proporcionando às diferentes classes sociais uma alternativa viável de ensino.

Antigamente na época que eu estudei a escola pública era referência.
(Valéria, entrevista realizada em 08/04/2019)

Não se valoriza mais a escola pública como antigamente, nem os professores daqui colocam seus filhos em escolas públicas.
(Isadora, entrevista realizada em 10/04/2019)

Com a defasagem de funcionários e professores a escola se beneficia do auxílio dessas mães, do CPM, e de voluntários que qualificam o atendimento desses alunos como estagiários da UFRGS, brigada militar e psicopedagoga.

Meu primeiro contato com essa escola foi no primeiro semestre de 2018, no Estágio Docência de Ensino Fundamental em Educação Física, no qual, assumi a turma de 1º ano. Nesse período construí uma boa relação com a professora titular da turma, o que possibilitou visualizar esse universo escolar de forma mais profunda e significativa. No primeiro semestre de 2019, tive a oportunidade de realizar a monitoria desse estágio, o qual me possibilitou circular nessa escola sistematicamente e construir vínculos de confiança tanto com a direção quanto com o corpo docente da escola. O fato de a escola confiar em nosso trabalho facilitou minha posição nesse estudo como observadora participante, uma vez que ingressei na escola não só como pesquisadora, mas também como estagiária e monitora do Estágio de Educação Física dos Anos Iniciais.

Foi nesse contexto, então, que construí as informações empíricas desta pesquisa. Para isso, utilizei de dois meios: as observações sistemáticas do cotidiano escolar que resultaram na elaboração de diários de campo e entrevistas semi-estruturadas com quatro professoras unidocentes da escola.

As escritas das minhas observações aconteciam sempre que julguei ser importante alguma situação dentro da rotina escolar. Conversas nos corredores, encontros com a professora de educação física da escola e monitoria com os estagiários da UFRGS. As observações iniciaram no começo do ano letivo de 2019 (03/04), e encerraram no último dia de maio 2019 que estive na escola (31/05). Aconteciam duas vezes na semana durante o período da tarde. Em relação às entrevistas semi estruturadas estas aconteceram com as professoras titulares das turmas de 1º, 3º, 4º e 5º ano da escola, sendo que a entrevista com a professora do 1º ano teve a presença também de uma estagiária de pedagogia que naquele semestre realizava seu estágio naquela turma.

Esse processo me proporcionou escutar falas e presenciar a rotina da escola a qual se apresentou de maneira diversificada e cheia de peculiaridades. Essa sistematização de observações e de escrita nos diários de campo, me fizeram perceber a escola enquanto um universo que está em constante mudança: nem um dia é igual ao outro, nem uma aula de educação física se parece com a outra. As observações e os diários de campo possibilitam trazer para essa pesquisa as relações que são construídas diariamente na escola, meus diários buscam relatar um olhar específico para esse cotidiano e as relações sócio-culturais.

Em relação às entrevistas, inicialmente elaborei um roteiro semi-estruturado, onde através de uma conversa com as professoras unidocentes, busquei dar vozes aos questionamentos, anseios, dificuldades e rotina desse grupo escolar, na busca de compreender a relação delas com a escola, comunidade e a educação física (ver Apêndice 2).

Iniciei o processo de entrevistas buscando a professora que facilitou meu vínculo com a escola durante o estágio e monitoria. Desde o início do projeto foi uma das pessoas que mais incentivaram minha pesquisa e a minha permanência na escola. Porém após uma recepção calorosa encontrei certa

resistência da parte dela, em realizar a entrevista. Foi só depois da conversa com a professora do 3º ano, no pátio, que compreendi a complexidade de falar sobre a realidade de cada um. A escola é um grupo social onde existem diferentes tipos de conflitos que vão além da dificuldade do planejamento de aulas, diferentes culturas, saberes, problemas pessoais, além de conflitos externos, com o governo. Entram em choque diariamente, trazendo para esse ambiente certa tensão entre seus participantes.

A aproximação da minha professora orientadora com essas professoras facilitou entrar nas rodas de conversas, além de estar na escola sempre disponível para as mesmas. As professoras utilizam esse tempo de aula dos estagiários para organizar materiais, trabalhos e atender os pais, e por isso, mesmo marcando a entrevistas com elas com antecedência foram diversos cancelamentos. Em toda entrevista havia, pessoas entrando na sala e interrompendo, faxina nos brinquedos e o andamento dos demais conteúdos ministrados por estagiárias. As entrevistas foram realizadas nas salas de aulas dessas unidocentes porque nenhuma se disponibilizou ir para outro lugar da escola como a sala dos professores.

O fato de eu, pesquisadora, ser especialista na área talvez tenha levado as informantes a responderem de forma segura, questões sobre a importância da educação física nos anos iniciais, visto que todas, sem exceção a consideram muito importante o conteúdo da educação física nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Baseada em minhas leituras, fala de professores e no meu olhar sobre a escola, procuro nos capítulos seguintes, compreender, a unidocência e a educação física nos anos iniciais do ensino fundamental, relacionando dados e teoria com esse tema sempre atual e complexo.

UNIDOCÊNCIA E AS SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA: OLHARES PARA UMA ESCOLA ESTADUAL DE PORTO ALEGRE

Quando iniciei essa pesquisa tinha como objetivo compreender os diferentes tipos de fazer educação física nos anos iniciais do Ensino Fundamental, assim como as possibilidades que as professoras unidocentes encontravam dentro da escola e de sua formação para fazê-lo com qualidade. Contudo, ao longo de minhas observações e entrevistas, percebi que para compreender a educação física nos anos iniciais do ensino fundamental realizada pelas professoras unidocentes, eu deveria me atentar também para questões culturais e sociais que estão presentes na escola quando pensamos em um 'querer e um fazer'.

Com a finalidade de traçar uma direção nesse contexto possibilitando pensar na relação entre a educação física e a unidocência, construí duas categorias analíticas que considero importantes para ajudar a olhar essas professoras e seus trabalhos na escola investigada: (1) A trajetória das professoras: o caminho para a unidocência; e (2) a educação física e suas (im)possibilidades do fazer.

Na primeira categoria pretendo apresentar as professoras que participaram desta pesquisa, assim como os caminhos percorridos para a construção da sua identidade unidocente, Santos, et al (2009) ressalta que é importante compreender a pessoa do/a professor/a, suas relações com a carreira, com o saber e consigo mesmo, a fim de evidenciar que esses elementos estão relacionados com a prática individual de cada um.

A segunda categoria tem como objetivo falar sobre as (im)possibilidades dessas professoras em realizar as aulas de educação física com seus alunos, traçando uma trajetória que vai das suas primeiras vivências no processo de escolarização até os dias atuais, para que possamos observar como a sua formação inicial e sua formação continuada estão relacionadas com o ser professora.

Por fim proponho um olhar atento às unidocentes e a todas as relações que perpassam por sua rotina a fim de compreender como a educação física acontece nos anos iniciais do ensino fundamental, assim como em algumas possibilidades seu do fazer.

Trajatória das professoras: o caminho para a unidocência

Passamos boa parte de nossas vidas dentro da escola, alegrias e frustrações, a construção de saberes e negociações, são memórias que nos acompanham ao longo da vida. É na escola que temos nossa primeiras experiências fora do aconchego do lar. Algumas pessoas decidem nunca afastar-se desse ambiente, seguindo uma longa trajetória dentro do saber e tornando-se professores/as.

A construção da docência é um processo longo, ora gratificante e algumas vezes penoso, é necessário uma formação constante que se inicia logo nos primeiros anos dentro da escola e segue ao longo de suas vidas. Para que possamos conhecer melhor os informantes desta pesquisa, acredito ser necessário relatar suas vivências, sua formação, a relação com o trabalho e colegas, a fim de poder caracterizar o quadro docente da escola como um grupo.

A professora do 1º ano, Adélia, tem 55 anos e à 22 anos está lecionando. Fez o curso de magistério e Pedagogia em Cachoeira do Sul. Em seguida fez sua especialização em psicopedagogia na ULBRA; especialização em EJA e PROEJA, na UFRGS; e Mestrado Educação em Ciências e Matemática, na PUC. Devido a sua formação inicial em pedagogia trabalhou no mestrado com o transtorno de aprendizagem da matemática, a chamada discalculia. Apesar de toda essa formação, a qual demonstra um investimento da professora na sua formação continuada, ela, em tom de brincadeira, mas apontando um fato concreto, diz:

...e ganho a mesma coisa que os outros professores (risos).

(Adélia, entrevista realizada em 22/04/2019)

Durante a sua formação procurou trabalhar com temas como a interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade, além da neurociência. Atualmente, Adélia possui em sua turma uma estagiária, a Bia. Essa estagiária trabalha com escolas há 25 anos, como fonoaudióloga e apoio pedagógico e está cursando Pedagogia para aperfeiçoar seu trabalho nas escolas, e por isso está atuando na condição de estagiária.

A entrevista com Adélia e Bia foi remarcada diversas vezes, alguns problemas pessoais da professora Adélia, na escola e fora dela, deram a entrevista um tom diferente das demais, por esse motivo, acredita que ela tenha preferido falar menos sobre sua vida pessoal.

Professora Valéria, tem 49 anos, nasceu em Porto Alegre, mas passou boa parte de sua vida no interior do estado. Sua formação dentro da educação básica aconteceu em escolas públicas, na cidade de General Câmara, assim como o curso de Magistério. Para poder cursar o Ensino Superior, regressa a Porto Alegre, devido ao fato de não haver universidades perto de sua cidade. Fez vestibular para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), porém com a reprovação acabou cursando Pedagogia Anos Iniciais na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC), depois Orientação e Pós em Educação Infantil na UFRGS e Educação Especial.

Durante sua estadia em Porto Alegre trabalhou em colégio privado, e após ser demitida, optou por voltar para sua cidade para realizar o concurso e cuidar de seu filho pequeno. Fez o concurso público de Guaíba, em 2004, e após ser aprovada voltou para trabalhar na mesma escola em que estudou em General Câmara. Assumiu a nomeação para anos iniciais e o Estado a convocou para o curso normal por ter Pós Graduação. Trabalhou por lá nove anos com o Curso Normal e Ensino Médio lecionou nas disciplinas de Metodologia da Educação Infantil, Didática Geral, Didática da Matemática e Experiências de Ensino.

Com o Filho crescido voltou para Porto Alegre. Ingressou nessa escola no final de 2014, início de 2015. Ao longo de sua trajetória são 15 anos trabalhando com o Estado e 12 anos na rede particular, hoje trabalha com a turma do terceiro ano apenas 20 horas e ainda está aguardando um contrato do estado para trabalhar no turno inverso completando a carga horária de 40 horas semanais.

A professora do 4º Ano, Caren, fez o magistério no São José em São Leopoldo, Pedagogia pela Unisinos e especialização em Motricidade Infantil pela UFRGS, na ESEFID. Interessante na trajetória de Caren que seu filho é professor de educação física no colégio Anchieta, e ele sempre estudou em escola particular, o que o possibilitou acessar a docência em uma escola particular.

Trabalha como professora há 30 anos, sendo que em 4 deles trabalhou para município de São Leopoldo. Sempre esteve nos anos iniciais do ensino fundamental como unidocente. Hoje está na escola como professora contratada, pois já aposentou-se há 5 anos.

Professora Isadora, graduada em Letras na PUC e Pedagogia. Pós graduada em psicopedagogia. Concursada na área 1 do estado para trabalhar com os pequenos e na área 3 que é para o ensino médio e prepara para o vestibular. Mudou-se para Osório antes de terminar a graduação em letras, para ajudar a mãe após a morte de seu pai. Transferiu sua graduação para Osório, na Faculdade de Ciências e Letras de Osório. Percebendo uma lacuna no curso, procurou ingressar no magistério para poder acompanhar as colegas de profissão.

Trabalhou muitos anos com preparação para o vestibular, mas por problemas de audição, a própria Secretaria de Educação sugeriu que ela passasse para o currículo por atividade onde está a mais de dez anos. Leciona na escola estudada há 7 anos, inicialmente com a carga horária de 20h, progredindo para 40h no ano seguinte. Trabalhou com turmas de segundo ao quinto ano, sempre evitando os menores, pois devido ao aparelho de surdez seu tom de voz é mais alta e tinha medo de assustar os pequenos.

Em seu primeiro ano na escola criou um projeto de leitura que teve grande repercussão com a divulgação em um importante jornal do Estado (Jornal do Almoço). Hoje ela tem duas turmas de quinto ano, uma em cada turno.

Professora Samanta, responsável pela educação física nos anos finais do ensino fundamental no turno da manhã, atualmente exerce o cargo de Vice diretora do turno da manhã, sendo que estava voltando de licença no dia em que nos encontramos. Apresentou-se primeiramente como vice diretora da escola, e diferente das outras professoras, falou pouco sobre sua formação, indicando apenas a universidade que havia se formado (IPA). Deu ênfase maior sobre a sobrecarga de serviço, e de como ela supria a falta de professores de outras disciplinas. Em uma conversa no corredor ela disse que:

<p>O professor de educação física como tem pouca carga horária na escola, acaba sendo utilizado para outras funções dentro da escola, como auxiliar em outras disciplinas.</p> <p>(Diário de campo, 08/04/2019).</p>
--

Por fim, a vice diretora do turno da tarde, a Camila em um relato emocionante para a turma de estagiários de educação física⁴ falou um pouco sobre sua trajetória, no magistério. Contou que no início era uma aluna mediana, fez seu curso na cidade de Tavares, próximo de Osório, mas foi no estágio que se descobriu professora. Veio para Porto Alegre onde cursou a faculdade ciências e biologia. Lecionou antes desta escola em uma escola localizada na periferia, mas já está na escola a 36 anos.

Além de sala de aula, já trabalhou na biblioteca 20h e participou do projeto de leitura em conjunto com a professora Isadora e foi auxiliar de disciplina na escola. Teve turmas nos anos finais do ensino fundamental e mais para o fim de carreira encantou-se pelos anos iniciais.

⁴A escola possui uma parceria com a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, disponibilizando suas turmas de ensino fundamental para o estágio docente ministrado pela professora Raquel da Silveira. Essa conversa entre direção e estagiários/as para que eles possam compreender outros aspectos que estão presentes na escola para além da sala de aula.

Aposentou-se com as 40h pelo estado, recebeu convites para trabalhar em editoras, mas percebeu que não era o que queria da vida. Por esse motivo foi atrás dos contratos do governo para voltar a lecionar e após muitas visitas em diferentes escolas, voltou para a escola referência para a pesquisa. Nesta época fez um curso de Pós Graduação em supervisão e orientação, e arriscou mais um concurso, aos 50 e poucos anos, com sucesso. Hoje ela é vice diretora da escola, sua trajetória também contempla uma atuação junto ao conselho escolar, CPM.

Após essa breve descrição das professoras que, de alguma forma, estão atuando junto aos anos iniciais da escola, é possível perceber que a identidade unidocente está relacionada com o processo de escolarização dessas professoras. A relação com o ensino, e os professores que passaram por elas ao longo de toda sua vida contribuíram para a construção da docente que elas são hoje. Como nos estudos de Santos et al (2009), observamos nos discursos de nossas informantes que a escolha pela profissão está relacionada a fatores culturais, sociais e algumas vezes financeiros.

Durante os relatos das professoras pude observar como a docência é uma continuação de suas vidas pessoais, e muitas vezes quase impossível separar suas escolhas profissionais da trajetória pessoal que constroem e por esse motivo que se fez necessário conhecer cada uma dessas professoras e sua trajetória até a unidocência.

Somado às informações que já anunciei sobre cada uma das professoras, é importante perceber que mais alguns elementos são centrais para compreender suas ações docentes. Dentre eles, chamo a atenção para o fato das primeiras memórias do ser professora ter início na infância. Fatores culturais envolvendo questões de gênero, em que meninas em suas brincadeiras preferencialmente buscam atividades relacionadas ao cuidado, como o ser professora ou brincadeiras de casinha, se faz presente já nas primeiras falas destas professoras unidocente e reforçam os motivos pelos quais podemos observar que ao longo do tempo a categoria da unidocência é preferencialmente feminina.

Eu fiz o magistério, escolhi porque eu sempre gostei de dar aula assim, eu brincava de aulinha com os meus irmãos de criança, eu não tinha irmã só tinha irmãos menino e bem depois minha mãe teve minha irmã temporona e eu não tive uma menina para brincar. Sentia muita falta de uma irmã, e aí eu gostava de dar aula, minha mãe e meu pai contava que desde pequena era aquela coisa de brincar de aulinha e eu tinha um quadro de giz e tinha um galpão, tipo uma garagem que a gente ficava brincava e eu fazia meus irmãos ter aula de tarde comigo. E tinha uma régua e eu batia de régua neles. Então diz que desde pequena era essa coisa de ser prof.

(...)

Então fiz o curso normal para ter a profissão, e aí não queria ser professora queria fazer outra coisa, queria, tinha uma época que eu queria ser psicóloga depois advogada, mas por fim acabei fazendo o magistério e já tinha uma profissão.

(...)

Antigamente tinha na sociedade que a filha mulher tinha que fazer o magistério era uma coisa assim natural.

(Valéria, entrevista realizada em 08/04/2019)

Algumas professoras relataram buscar outros cursos, percorrer outros horizontes, porém, todas depararam-se com alguma situação em que a docência parecia ser a opção mais assertiva. A professora Isadora em sua fala sobre os motivos que levaram ela a docência, traz na questão familiar uma cultura relacionada assim com o saber, a leitura, como forma de justificar sua escolha pelo curso de Letras.

Eu fui fazer o curso na PUC de Secretária Executiva Bilingue, um curso que tinha lá. Aí a professora Angélica, que eu nunca vou esquecer dela, eles pediram para fazer um texto lá pra escrever, e eu escrevi, e ela disse: não tu não vai ficar nesse curso aqui. Mas porque professora? Tu não vai ficar nesse curso aqui porque ele não presta, tu vai ir na faculdade de letras.

Aí ela me azucrinou muito e eu gostei da idéia, porque quando eu entrei no primeiro ano eu já sabia ler e escrever porque eu já lia com 5 anos. Eu sou de família de leitores, eu sou de família de escritores. Não vou me exhibir mas Carlos Carpinejar é meu primo, Fabrício Carpinejar é meu primo. Então essa história da leitura e das letras vem, é meio familiar, tem uma coisa na nossa família de leitura de livro, desse envolvimento, e eu sempre gostei muito de ler.

(Isadora, entrevista realizada em 10/04/2019)

A unidocência deu-se de forma diferente para cada uma dessas professoras, as memórias familiares e culturais aparecem como principais motivos para essa escolha profissional. Porém os relatos também mostram problemas de saúde e o incentivo salarial como opção para essa escolha.

Santos, et al (2009) diz “A identidade é um lugar de lutas e conflitos um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão, como cada um se sente e se diz professor” (p.157). Entendendo que esse processo de identidade unidocente acontece de formas diferentes e que todas elas estão

atreladas com o que acontece dentro das salas de aula. Procurar saber como cada uma dessas professoras entendia a unidocência foi de grande importância durante o processo de pesquisa.

Durantes as entrevistas encontrei diferentes conceitos de unidocência, pois cada uma dessas professoras compreendia sua função de forma diferente. Caracterizando assim, o que poderíamos denominar de uma primeira forma de conflito, seguindo os ensinamentos de Santos, et al (2009).

Segunda a professora Caren a unidocência está relacionada a forma de trabalhar todos os conteúdos dentro da ideia de currículo por atividade.

A unidocência é o professor que acaba trabalhando todas as disciplinas, dentro da ideia do CAT que é o currículo por atividade
(Caren, entrevista realizada em 13/05/2019)

A professora Adélia por outro lado traz temas como pluridisciplinar ou multidisciplinar para caracterizar o ensino dessa fase, porém deixa claro que o mesmo não acontece como deveria, devido a falta de tempo e estrutura de ensino proporcionada pelo governo.

Na verdade até o 5º ano a gente deveria trabalhar de forma integrada sem separar as disciplinas.
Entrevistadora: Funciona?
Adélia: Não funciona. Nessa fase teríamos que trabalhar de forma pluridisciplinar, ou multidisciplinar e interdisciplinar, mas ainda não é possível, porque a interdisciplinaridade pressupõe que haja dois professores de áreas diferentes dentro da mesma sala de aula.
(Adélia, entrevista realizada em 22/04/2019)

Em concordância com a professora Caren, Isadora fala da unidocência como único professor, embora em suas aulas ela admita que as matérias são separadas para que os alunos possam se organizar melhor.

Unidocência, uni é um, docência é a disciplina. A gente ganha pra isso, pra ser unidocente, não é uma fortuna mas é uns 300 pila que faz a diferença na tua conta, né.
(Isadora, entrevista realizada em 10/04/2019)

A questão salarial é um fator importante para essas professoras. Todas elas relataram sobre o benefício, como uma ajuda ou complemento do baixo salário. A queixa relacionada à valorização financeira da categoria se faz presente ao longo dos anos dentro de todo o quadro público, e ainda parece estar longe de ser resolvida. Caracterizando uma luta constante por seus direitos.

A unidocência é um valor que a gente tem em cima do salário para que a gente assuma turmas de anos iniciais com todas as disciplinas que têm até o 5º ano agora, né, Educação Física, Artes...

...Essas duas horas, esse xis de dinheiro que a gente ganha na unidocência pressupõe que a gente fique duas horas em reunião, duas horas a mais, vinte duas horas semanais pra cada professor, vinte em sala de aula e duas em reunião para planejamento

(Adélia, entrevista realizada em 22/04/2019)

E por fim ao observar essas professoras em sala com seus alunos e as relações entre eles acredito que a fala da professora Isadora conceitua de outra forma o “ser unidocente”.

Aqui tem a galinha e os pintos né? Eu sou a galinha e eles os pintos e ficam aqui embaixo das minhas asas...

(Isadora, entrevista realizada em 10/04/2019)

Cada professora em seu relato ressaltou um ponto diferente na unidocência, demonstrando que a mesma acontece de diferentes formas dentro de um mesmo grupo. Embora todas elas concordem com Lima (2012) quando ela diz que:

Significado de ser professor é ressaltado pelo domínio das áreas do conhecimento do currículo nacional dos anos iniciais. Nos dados empírico e o papel do professor dos anos iniciais e a formação integral da criança com ênfase para ensinar a ler, escrever e contar. A maior alegria consiste na interação com a criança, no constatar seu desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem (p.151).

O fato de poder participar do desenvolvimento de seus alunos contribuindo para seu crescimento pessoal e intelectual, são os principais bônus da profissão. As professoras relatam com orgulho o desenvolvimento de seus

alunos. Esses relatos trazem momentos emocionantes, relacionadas à formação e as interações com os alunos. E mesmo aquelas que em um primeiro momento não haviam escolhido a docência como profissão hoje se sentem gratificadas com o desenvolvimento de seus alunos no processo de ensino aprendizagem.

Para professora Adélia essa conquista se dá de forma mais intelectual, através de metodologias de ensino que facilitam a aprendizagem, e podemos entender que essa relação de ensino aprendizagem baseia-se na capacidade dela ensinar.

Eu tinha um aluno com dificuldade de aprendizagens o Samuel, que se desenvolveu horrores. Era um menino que no início do ano do ele tinha as condições do Luís Miguel, ele saiu assim quase alfabetizado.

(Adélia, entrevista realizada em 22/04/2019)

Por outro lado podemos observar que a professora Isadora, quando relata o desenvolvimento de um aluno traz seu lado afetivo como principal fator desse desenvolvimento, reforçando a ideia de “galinha e seus pintinhos”.

Que é mais importante para nós como educador tu trabalhar o carinho e o afeto resgatar aquela coisa, do que ensinar o programa ali. O João Gabriel é um que coitadinho ele não conseguia fazer nada na época, mas eu avaliava tudo que ele fazia como positivo porque aquilo ali era um resgate pra ele.

Eu dei um tablet pra ele de Natal, naquela época ainda dava para fazer essas excentricidades.

Ele agora foi pra casa o Ruan, o pai dele mora em Cidreira e aí em junto com o juizado ele organizou lá uma casinha e aí ele pode levar o Ruan de volta, e ele telefona para o abrigo e sempre pergunta pela professora Isadora.

(Isadora, entrevista realizada em 10/04/2019)

E a professora Valéria ao lembrar de momentos difíceis de sua infância, relata ter um olhar sempre atento para aqueles alunos que necessitam de uma atenção especial. Aqui embora a fala não faça relação com a “galinha e os pintinhos”, percebemos que o carinho e cuidado são relações semelhantes às citadas por Isadora.

Eu me lembro que depois quando eu fui ser professora fiz o magistério eu sempre gostei né, daí minha mãe dizia tu vai ter que ter muita paciência com os que choram porque tu incomodou e eu tive já vários assim na minha vida profissional, que choraram, que se mijou, que

fez coco nas calças, e eu lembro que eu sempre tinha um olhar diferente assim porque sempre é uma insegurança que a criança tem e tu não sabe o que era. Hoje em dia eles ainda falam a gente ainda consegue, mas naquela época a gente não falava.

(Valéria, entrevista realizada em 08/04/2019)

Contudo como já vimos anteriormente que a unicócia vem ao longo dos anos sofrendo um desgaste, em relação ao seu trabalho, e alguns fatores contribuem para isso. Esse desgaste está sempre presente na fala das professoras, questões governamentais, a relação entre os colegas e a constante participação (intromissão) dos pais na escola são os principais motivos de queixas. Sobre os pais na escola temem agressões físicas e interferência em seus trabalhos.

As famílias não há uma valorização da sociedade 'pro' professor, se tu chama um pai ou uma mãe para dizer que a criança, não só aqui na escola, mas num geral. Olha a vice diretora que saiu agora semana passada do CPERS a mulher foi agredida, as mães empurraram ela e ela bateu a cabeça e levou sete pontos.

(Valéria, entrevista realizada em 08/04/2019)

Durante todo o tempo em que estive na escola percebi que muitas mães passam boa parte da tarde sentadas no pátio da escola. Em uma conversa a professora Isadora disse que devido à localização da escola e o distanciamento de suas casas, essas mães optam por passar seu dia ali sentadas para que os filhos possam permanecer na escola. Algumas delas fazem parte do Conselho de pais e mestres da escola, outras estavam auxiliando em atividades como a separação de tampinhas de garrafas pet, para arrecadação de verbas.

A aproximação com a escola permite que elas transitem dentro da mesma com certa liberdade, observando os movimentos das professoras e muitas vezes questionando os mesmos.

Muito mais dentro do que deveriam na minha opinião, invadindo um espaço que não é deles. Porque aqui dentro é o meu espaço, e ninguém vai vir me dizer como é que eu tenho que trabalhar. Por que um médico não ouve essas coisas, se tu vai num médico tu não diz pro médico como ele tem que te atender, tu aceita baixa a cabeça e vai comprar os remédios. É uma questão de credibilidade, mas isso aí é outra história.

(Isadora, entrevista realizada em 10/04/2019)

A categoria do magistério estadual no Rio Grande do Sul passou e passa por uma série de parcelamentos e atrasos referentes aos salários nos últimos anos⁵, questões políticas e econômicas estão relacionadas a esses fatores. E as professoras acreditam que a principal forma de desvalorização se dá devido a isso.

Eu gosto do que eu trabalho. Hoje em dia tu é meio frustrado em relação aos governos, da defasagem salarial acaba tendo que fazer outra coisa pra ti sobreviver, por que só com o salário não dá, tá muito defasado, ontem eu postei no grupo, ficou todo mundo...

Eu recebi de uma amiga, não tem muito a ver de política porque eu não me envolvi muito mais com política. Mas tu recebe assim das pessoas e dos grupos aí... Percebi, que o RS está em último lugar no pagamento do piso do magistério. O piso do magistério do RS é de R\$ 1.298 nós estamos em último lugar nos estados do Brasil.

(Valéria, entrevista realizada em 08/04/2019)

Em nenhum momento foi questionado o valor do salário dessas professoras, porém todas fizeram questão de deixar claro em suas entrevistas o valor do mesmo.

Caren: Essa é a questão que... mas tu sabe quanto gente ganha de unidocência para dar todas as disciplinas?

Carol: 350?

Caren: É bem isso, pouco né? Muito pouco pra tu ficar de segunda a sexta com os alunos. Mas eu estava pensando essa questão, mas se eles tirassem a unidocência, agora eu acho que não faria tanta falta para os professores, que os professores preferem claro perder 350 reais nessa miséria que a gente ganha, que o básico é 630 reais.

(Caren, entrevista realizada em 13/05/2019)

Os motivos, familiares e governamentais, para a desvalorização da categoria, entrelaçam-se na busca de uma culpa, que não estou me propondo julgar. Porém como faz parte desse conflito de “ser professora”. As próximas falas buscam exemplificar tais motivos. A professora Isadora acredita que a categoria perdeu sua credibilidade por vontade própria. Greves, falta de compromisso com a escola, aquela linha tênue entre o direito, e o dever são os principais motivos que levaram à desvalorização.

⁵<https://www.cut.org.br/noticias/rs-professores-cobram-fim-do-parcelamento-de-salarios-e-abrem-negociacao-3eba> acessado em 24 de junho de 2018.

A categoria perdeu isso (credibilidade) por vontade própria, a categoria perdeu a credibilidade, quando se partidarizou e entrou em áreas que não lhe diziam respeito, sabe, porque agora qualquer um te enfia o dedo na cara? Ser professor atualmente é uma trajetória difícil, eu perguntei pra ela (e apontou para a estagiária) tu quer isso mesmo? porque tu é novinha tem 20 e poucos anos e pode, não é, sinceramente eu...

Eu vim da iniciativa privada, eu trabalhei 19 anos na iniciativa privada por isso que eu não compactuo com muita coisa que acontece dentro do magistério porque eu vivi o outro lado...

(...)

Aqui não, a professora pode chegar atrasada aqui, te coloca no outro lado, os pais vêm isso, porque a professora chega todo dia atrasada, e menos horas que meu filho está tendo todos os dias de aula, né, cada minuto que ela chega atrasada, isso aí matou a galinha dos ovos de ouro, isso aí depõe contra o professor. Greves, e greves, e greves e greves. Ah! Porque é nosso direito. Tudo bem é nosso direito mas a contrapartida é nosso dever, né? Eu não sou muito bem vista aqui por essas opiniões (risos) quando tem reunião aqui sai uns pegadas né, que eu vi outro lado, eu fui mãe também não tinha com quem deixar se a professora fizesse greve. Eu nunca fiz greve aqui, eu sou uma professora que as mães não criam muito problema comigo, porque? porque elas sabem que eu não faço greve e sabem eu não falto. Posso estar me arrastando mas eu venho, isso aí conta muito por que a mãe não tem onde deixar o filho de tarde se a professora dela não vem. Então é uma questão social também, então não é só chegar aqui e dar aula, muitas mães não têm onde deixar, se não tem onde deixar ela vai faltar serviço, se ela faltar muito ela vai para a rua, porque o patrão está pouco se lixando para onde ela vai deixar o filho. problema.

(Isadora, entrevista realizada em 10/04/2019)

A professora Adélia e a sua estagiária Bia em uma conversa cruzada durante a entrevista demonstram concordar com a ideia de que esse desgaste tem uma culpa e que a mesma está relacionada ao comportamento de seus colegas.

Durante as entrevistas e observações percebi que as relações entre professores, gestores e demais funcionários acontece de forma delicada.

Adélia: Não foi feito para funcionar e existe uma política subjetiva dentro das escolas que se tu funcionar fora do padrão tu é descartada.

Bia: Adélia tu falou tudo

Adélia: O próprio magistério não quer que funcione, se eu trabalhar um pouco melhor eu me sobressair e o colega vai ter que trabalhar melhor.

Bia: E aí tu vai tirar o teu colega da zona de conforto e eles não querem isso, tu sabe que isso aconteceu na escola particular com o meu pequeno, ele estava no quinto ano e o professor era maravilhoso. Maravilhoso é pouco tudo de bom, começou a se sobressair dos outros, como ele era meu amigo ele me contou que a coordenadora tinha chegado para ele e dito: menos criatura, as outras estão falando de ti, chama muito a atenção, faz menos.

Adélia: mas é igual na escola pública, se tu te sobressair se tu for um pouco diferente nem vou dizer melhor, porque cada um tem o jeito de ser, mas se tu tiver uma prática um pouco diferenciada os colegas não te querem por perto...

(...)

Eu tenho quatro anos, e quero sair por causa disto, não por causa das crianças nem do magistério, eu quero sair por causa dos colegas. Porque a vida é muito hostil dentro do magistério, muito dura. e eu estou cansada de sofrer esse tipo de percalço, das pessoas me dizerem que a comadre vai pra supervisora porque a comadre é mais amiga e vai me apoiar e

não ter relevância nenhuma o trabalho que eu faço. Então eu estou um pouco cansada quero viver minha vida.

(Adélia e Bia, entrevista realizada em 22/04/2019)

Após escutar o relato dessas professoras, podemos perceber que a unidocência iniciou de forma diferente para cada uma delas, assim como sua formação continuada. Diferentes conflitos transitam entre suas relações, influenciando no seu agir dentro da sala de aula. Esse processo tem suas gratificações assim como alguns desafios nem sempre prazerosos.

Percebemos que o “ser unidocente”, mesmo em um grupo pequeno de professoras, se materializa diferentemente na trajetória que cada professora foi construído a partir de suas experiências educacionais e sociais, questões políticas e profissionais presentes durante a construção de suas identidades. Ao olhar para o cotidiano dessas professoras e perceber como a unidocência e as relações com o saber estão entrelaçadas no seu fazer, proponho um olhar mais cuidadoso relacionado às (im)possibilidades do fazer educação física, e a relação dessas professoras esse o conteúdo.

A educação física e suas (im)possibilidades do fazer

Assim como a identidade unidocente passa por um processo cultural e social, a educação física no ensino fundamental vem ao longo dos anos convivendo com diferentes abordagens pedagógicas. Hoje a educação física tem características legais para sua prática em toda a educação básica, e através de diferentes tipos de materiais de apoio ofertados pelo governo, como o Manual do Professor para a Educação Física, a BNCC entre outros.

Nas escolas Estaduais do RS fica a cargo da professora unidocente o planejamento e a aplicação desse conteúdo, visto que o Governo do Estado não contrata professores especialista para essa área (CONTREIRA; KRUG, 2010).

Partindo disso, para iniciarmos a conversa sobre a Educação física dentro da unidocência é importante conhecer as diferentes formas que essas

professoras vivenciaram a Educação física em sua época escolar, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental, pois assim poderemos ter alguns elementos para compreender a construção de seus conhecimentos na área e o que elas entendem por educação física.

Durante a aula dessas professoras podemos observar que diferentes tipos de culturas educacionais estão implícitas em suas formas de fazer. As falas da professora Valéria demonstram, que a educação física acontece de diferentes formas dentro de sua formação, desde as rodas cantadas, nos anos iniciais onde todos participam, até aos esportes separados por gênero na segunda etapa do ensino fundamental. Esses primeiros momentos dela com a educação física constroem as principais referências que ela tem sobre os conteúdos relacionados a essa área.

Eu lembro que não tinha muita aula de EFI, eu não lembro da EFI como é hoje, eu lembro que a gente brincava de umas rodas cantadas, de umas cantigas de roda. Que a prof. levava a gente para o pátio e fazia aquelas cantigas e eu lembro de uma que eu adorava que era aquela do meu Belo Castelo, que eu adoro até hoje. Ai um dia eu fui cantar para meus alunos e eles acharam chata.

(...) Às vezes futebol e vôlei ou handebol mas aí não nos anos iniciais a partir do quinto ano a gente ia para um outra escola, na época era série né.

(...) Era separado os meninos das meninas, tinha uma época eu me lembro de dois professores, um já falecido daquela época que era da idade do meu pai, daí sim eles faziam a integração do time misto de vôlei e handebol, mas aí tinha separado menino e meninas mas eu lembro que para integrar as vezes eles faziam vôlei menino e menina, tipo misto, ou aquela brincadeira caçador, que era menino e menina, mas acho que era só.

(Valéria, entrevista realizada em 08/04/2019)

As lembranças da professora Isadora estão relacionadas a duas formas diferentes de conteúdo, que contribuem para o entendimento dela sobre educação física nos dias atuais.

Eu sou do tempo que a gente se preparava para desfilar n° 7 de setembro, depois era um pecado, um horror fazer aquilo uma vergonha tu ter amor a pátria. Mas enfim coisas do Brasil né, coisas de um país que está crescendo, a gente entende, mas eu sou desse tempo que a gente marchava e fazia coreografia.

CAROL: e as aulas de educação física como era quando tu era pequena?

Isadora: se jogava muito, era muito jogo, mas não tinha a violência que tem hoje, era uma situação fraterna, hoje em dia eles se acertam se tu der uma oportunidade eles dão uma bocha na cara do outro porque a violência é uma constante na nossa vida e na vida dessas crianças também.

(Isadora, entrevista realizada em 10/04/2019)

Já, a professora Caren em uma realidade diferente das anteriores, relata que sempre teve aulas de educação física durante sua formação inicial. Destaco, porém, que Caren estudou na sua formação inicial em escola particulares, que assim como nos dias atuais tem como característica contratar professores especialistas para diferentes áreas.

Tinha educação física sim na minha escola, eu estudei lá no interior mas sempre era escola particular, né, das freiras, então eu sempre tive professor de educação física.

(Caren, entrevista realizada em 13/05/2019)

A educação física na infância de cada uma dessas professoras aconteceu de forma diferente, e em tempos diferentes. Dos desfiles patrióticos, as rodas cantadas, ficou visível que as experiências que cada professor unidocente teve durante sua formação, de alguma forma está relacionada com sua prática pedagógica nos dias atuais. Pude observar a professora Caren, que teve rodas cantadas em suas aulas, realizando rodas cantadas com seus alunos, e a professora Isadora, que marchava, hoje não deixa meninas e meninos jogarem bola juntos, pois conforme ela relata:

Só nunca deixei guri com guria jogar bola juntos, as meninas tem outras canelas, são mais delicadas, são mocinhas, eu sou desse tempo, que as meninas são as meninas né?

(Isadora, entrevista realizada em 10/04/2019)

De maneira diferente, a professora Valéria em uma conversa informal, falou sobre a importância da educação física no desenvolvimento de seus alunos, e como a mesma era importante para auxiliar outras disciplinas como matemática e português. Pude acompanhar durante a observação na escola ela solicitando aos estagiários de educação física que utilizassem a matemática nas atividades deles para reforçar o conteúdo de sala de aula, demonstrando que a educação física ainda tem a função de recurso pedagógico dentro de suas aulas.

Segundo relato das professoras unidocentes um dos maiores obstáculos para as aulas de educação física é a falta de formação adequada na área. Falas

que vão ao encontro com os relatos das professoras unidocentes que o estudo de Nora e Sawitzki (2014) e Contreira e Krug (2010).

A falta de preparo e especialização na área da educação física, ainda nos dias de hoje levam professores unidocentes a repetir antigos discursos de desvalorização, como o da professora Adélia que ao se referir a educação física fala sobre um conhecimento fictício, e ainda completa dizendo que o magistério é especialista em aprendizagem, cérebro e referencial teórico. Segundo Fonseca e Cardoso (2014) "parece-nos que estamos diante de um contexto onde as professoras unidocentes, em sua formação inicial, tiveram oportunidades restritas de reflexão sobre a especificidade da Educação Física, bem como sobre a importância da prática dos elementos da cultura corporal nos anos iniciais do ensino fundamental." (p.50)

Nosso índice de aprendizagem é zero, é nulo. Nossas crianças estão saindo analfabetas de dentro das escolas. Sem saber matemática, o básico da matemática. Então vejo a situação do nosso país é muito séria, não só em termos de educação física que eu estou te dizendo, AQUELA COISA FICTICIA, mas em termos de português de matemática. Começa por aqui, eles tem que se alfabetizar esse ano, muitas professoras não dão esse valor, não alfabetizam, e se tu não alfabetizar tu tá perdendo uma janela de oportunidade por que e nessa idade que eles tem possibilidades cerebrais de aprender, mais amplas e acho que o pessoal da pedagogia não aprende isso, ao saber isso.

(Adélia, entrevista realizada em 22/04/2019)

Por outro lado percebemos que a diversidade dentro da unidocência é tão ampla que dentro da mesma sala, duas fases diferentes da pedagogia trazem conhecimentos divergentes sobre a educação física. Durante a conversa apresentada a seguir a estagiária em pedagogia que está em formação tem opinião diferente da professora Adélia.

Bia: É que na verdade Adélia, eu sempre penso em questões executivas não tem como, se tu analisasse o jeito que a Adélia alfabetizadora trabalha as funções executivas, memória de trabalho, é diferente do dela. Mas vocês [Carol e Adélia] trabalham as mesmas coisas?

Adélia: Por um ângulo completamente diferente.

Bia: Porque ela almeja alguns objetivos, tú outros, e aí o jeito dela, ela se dedicou uma vida toda pra trabalhar daquela forma, para que eles se desenvolverem cognitivamente, não que a educação física, eles não se desenvolvam, mas tu vai utilizar outros instrumentos de trabalho que a Adélia. Ela vai usar uns e tu vai usar outros, mas as mesmas vão querer os mesmos objetivos. Vão querer atingir os mesmos objetivos.

(Adélia e Bia, entrevista realizada em 22/04/2019)

Sempre que questionadas sobre a educação física nos anos iniciais as professoras unidocentes falam sobre a importância do desenvolvimento motor, da motricidade fina, questões de saúde, e obesidade, assim como a lateralidade e as brincadeira com cordas e jogos cooperativos. Esses argumentos para sustentar a importância da educação física está muito próximo dos argumentos utilizados por professores de outros estudos (NORA E SAWITZKI, 2014; CONTREIRA E KRUG, 2010).

Sim é tão importante como todas as outras disciplinas né, só que o que eu vejo e que a gente não tem a formação adequada para trabalhar né. Eu na realidade o que, que eu faço, eu sempre combino com eles, eu dou algumas atividades de Educação Física e depois dou um tempo para eles livre. No caso os meninos que gostam mais de jogar futebol então eles jogam futebol, e as meninas que não gostam eu continuo fazendo atividades com elas.

Teve um ano que uma turma que a gente foi pular corda e eles não tinham nunca pulando corda, então aquela turma eu ensinei eles a pularem corda, né.

(Caren, entrevista realizada em 13/05/2019)

Mas mesmo reconhecendo uma importância mais voltada para aspectos de um corpo biológico, as professoras relatam que, quando as aulas de educação física são por conta delas, as mesmas deixam os alunos livres com bolas e cordas para uma recreação.

Nas escolas do Estado, todas, e eu conheço muitas, os professores na hora que vão para a educação física ou dão bola para jogar futebol de qualquer jeito ou dão uma bola para as gurias brincar, ou deixar um momento de recreação livre, em algum lugar algum professor deve ter esse preparo para fazer, mas eu desconheço Carol, a realidade do estado é essa.

(Adélia, entrevista realizada em 22/04/2019)

A Professora Isadora acredita ser importante as aulas de educação física e até confirmou que em outros tempos planejava suas aulas, porém seu maior objetivo era fazer os alunos suarem, liberar endorfina, cansarem, demonstrando que a educação fica para ela possui um caráter biológico.

...porque o aluno tem que suar e liberar endorfina.

(Isadora, entrevista realizada em 10/04/2019)

Sobre as “impossibilidades do fazer” educação física o principal motivo para que essas aulas não aconteçam, da forma adequada, segundo as professoras desta escola, é a falta de preparação em sua formação docente. Nas entrevistas podemos perceber que poucas tiveram aulas durante o magistério, e as aulas que tiveram não consideram ser suficientes para aplicação em sala de aula.

Tinha, no magistério sim, tinha uma professora especializada em didática da Educação Física.

(...)

A gente construía um fichário com várias brincadeiras, vários exercícios para aplicar nas crianças. Mas sem nenhum conhecimento de desenvolvimento corporal. Mas sem nenhum conhecimento de funcionamento corporal, veja você. Então a gente aprendia que dar o exercício, a atividade, a brincadeira depois a volta a calma alguns tópicos assim muito gerais de educação física, mas guria, o básico assim, acho que não né, por que deveria ter algum conhecimento de como funciona o corpo, quais são os movimentos básicos, o que é um relaxamento, o que que é isso. A gente não aprendia nada.

(Adélia, entrevista realizada em 22/04/2019)

A pouca presença de educação física durante os cursos de formação dessas professoras acaba sendo insuficientes para que elas se autorizem a incluir esse conteúdo em suas aulas. É visível que as mesmas recorrerem às suas vivências e reproduzem aulas que pouco abordam as especificidades da educação física.

Carol: E lá eles tinham uma disciplina de educação física?

Caren: Não (...) nem na pedagogia, também, no magistério como tu já sabe quando chega no estágio tu tem que ir atrás para trabalhar né, a gente no caso é leiga, no assunto. Se lembra muita coisa das atividades que os nossos professores desenvolviam com a gente.

(Caren, entrevista realizada em 13/05/2019)

Segundo Fraga (2005) a educação física além de componente obrigatório e importante para o desenvolvimento do aluno e deve acontecer nos anos iniciais de qualquer forma, seja através da unidocência ou de um professor especialista. Outra possibilidade de fazer educação física nos anos iniciais do ensino fundamental é realizar uma parceria entre professores especialistas e

unidocentes, pensando a escola como uma unidade de ensino, onde todos estão unidos para o desenvolvimento completo deste aluno.

Conversei sobre esta proposta, com as professoras durante a entrevista, mas infelizmente dentro desta escola essa possibilidade de fazer educação física parece estar muito distante da realidade. A troca de saberes é dificultada por uma série de fatores que estão ligados aos costumes e cotidiano da escola.

Assim como em outros estudos as professoras concordam que um especialista na área da educação física seria importante para a formação de seus alunos, porém demonstram insegurança quando relatam os motivos pelos quais isso não acontece (NORA E SAWITZKI, 2014; CONTREIRA E KRUG, 2010, FRAGA, 2005).

Podemos ressaltar a perda da gratificação no salário dessas unidocente, um medo real dentro da categoria.

O problema é financeiro porque no momento que tiver um professor de educação física deixará de ser unidocente por isso que não acontece, tem esse situação aí, as professoras vão te dizer que sim mas no fundo te dirão que não. Mas sinceramente penso que se equacionar direitinho é importante.

(Isadora, entrevista realizada em 10/04/2019)

Em concordância com a professora Isadora, quando questionada sobre a possibilidade de ter um professor especialista nos anos iniciais Adélia ainda ressalta o problema legal e a possibilidade do Estado contratar esse professor especialista. Como as professoras do artigo de Fonseca e Cardoso (2014), às professoras Isadora e Adelia demonstram desconhecer os documentos legislativos e o fato deles não descaracterizarem a unidocência quando um professor de educação física atua nos anos iniciais.

...acho que nos anos iniciais é incompatível a legislação como ela está, unidocência e professor de educação física especializado, no Estado me parece que é incompatível.

(Adélia, entrevista realizada em 22/04/2019)

Diferente dos resultados encontrados no estudo de Nora e Sawitzki (2014), onde os professores julgaram ser importante o trabalho conjunto entre o

especialista e a unidocente, segundo relato da professora Isadora no contexto dessa escola, seria inviável visto que as professoras eram resistentes a esse tipo de troca.

Como eu vou te dizer os professores são muitos reticentes né a essas entradas assim. Nós aqui já temos uma parceria legal com a UFRGS, né, então acho que aqui não funcionaria tão bem, como é na tua cabeça, mas de repente, pra essa escola, de repente em outra escola com outro padrão outras necessidades, porque aqui essas crianças não são pobres elas têm dinheiro, os pais pagam escolinha de futebol de vôlei, do raio que o parta de natação. De repente em uma escola periférica de pouco poder aquisitivo que as crianças não têm acesso às essas coisas seria interessante .

(Isadora entrevista realizada em 10/04/2019)

A professora Adélia ao falar em trocas com colegas da escola demonstra que a comunicação entre eles não é suficientemente produtiva. Por esse motivo prefere a atuação dos estagiários/as na sua turma.

Bom se a pessoa fizer um trabalho bem feito, vale né Carol, agora um trabalho meia boca, trabalho de vocês e bem feito, bem pensado, vocês tem a supervisão da Raquel [professora supervisora do estágio de ensino fundamental da UFRGS] então sai um trabalho sempre bem elaborado pelo que eu tenho visto até agora.

Às vezes tu tem que ajeitar uma coisa que não deu certo um detalhe e ajudar, mas o trabalho de vocês sempre é bem feito, pensado e especializado, ai ele é válido. Agora de qualquer jeito só pra ti dizer que tu e um voluntário que tu vai fazer uma tarefa uma atividade, não sei, acho que não.

(Adélia, entrevista realizada em 22/04/2019)

A “possibilidade de fazer” educação física nos anos iniciais desta escola se concretiza com a parceria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde os estagiários/as do curso de licenciatura de Educação Física assumem esse componente curricular, contribuindo com as unidocentes para tal tarefa.

Os estagiários/as são sempre acolhidos/as de forma calorosa e respeitosa, e as professoras unidocentes acreditam e valorizam o trabalho realizado por eles/as. O que fica claro na fala da professora Isadora, quando a mesma defendeu o planejamento de aula do estagiário para os pais de um aluno.

Eu tive problemas com os pais que vieram reclamar que os professores estavam fazendo umas brincadeiras, vocês da educação física estavam fazendo umas brincadeiras que eles não gostaram, e eu digo: eu sinto muito, mas vocês não tem que gostar eles são professores estão praticamente formados, só vem aqui exercitar o que eles aprenderam nesses anos todos e não é qualquer faculdadezinha, eles vem da UFRGS, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
(Isadora, entrevista realizada em 10/04/2019)

Para a professora Adélia os estagiários/as além de proporcionarem aulas qualificadas, dão a ela a oportunidade de utilizar esse tempo para resolver “outras questões mais sérias” que o processo educacional demandam.

Eu acho maravilhoso porque assim ó, a gente fica muito sem fôlego de estar em sala de aula, a gente fica muito sem fôlego, a gente trabalha muito a nossa carga e a demanda de trabalho é muito grande, então é um momento assim que a gente pode usar pra ti. Fazer um planejamento, para te dar uma respirada pra ti pesquisar alguma coisa, pra ti organizar uma sala de aula, sem falar que o trabalho de vocês é muito mais qualificado que o nosso.
Vocês pensam só aquilo ali, só pra aquele momento, então sai uma aula qualificada, a gente no meio de tantas questões que tem que dar conta na contemporaneidade não consegue dar conta de uma aula de educação física qualificada, então a gente vai deixando para resolver outras questões mais sérias.

(Adélia, entrevista realizada em 22/04/2019)

A professora Caren também acredita que a atuação desses estagiários/as vem para somar dentro da escola, proporcionando aos seus alunos conhecimentos que ela não possui.

Muito, muito, porque a gente não sabe o que cada movimento vai produzir no aluno, a gente procura trabalhar mais atividades amplas, para eles conhecerem o corpo, e, o desenvolvimento motor, mas eu não tenho toda essa formação que os professores têm né. Facilita porque eles sabem o que cada atividade vai gerar no aluno, né.

(Caren, entrevista realizada em 13/05/2019)

A falta de formação e conhecimento na área da educação física somada ao trabalho de qualidade dos estagiários/as dentro desta escola proporciona aos alunos uma educação física ofertando a oportunidade de vivenciar diferentes conteúdos da cultura corporal do movimento.

Infelizmente essa não é a realidade de todos os alunos dos anos iniciais das escolas públicas do estado do Rio Grande do Sul, pois muitas escolas não possuem esse vínculo com universidades e acabam privando seus alunos desse

conhecimento componente curricular fundamental para o desenvolvimento completo de seus alunos.

Mas não existe uma culpa, eu não vejo assim, eu acho que o magistério é uma profissão que tá num desgaste absoluto, que as políticas públicas não contemplam uma melhor na área da educação, não é isso?

A educação não foi feita para funcionar por parte dos governantes, é caso falido.

(Adélia, entrevista realizada em 22/04/2019)

Ao fim dessa análise, observamos que, as vivências pessoais de cada uma dessas professoras, contribuíram de forma significativa para a construção de seu conhecimento na área, assim como no seu fazer. As rodas cantadas, recreação e esportes, são as principais referências dessas professoras sobre os conteúdos de educação física, sendo os mesmos reproduzidos em suas aulas. A cultura corporal do movimento, e a educação física como produção cultural de uma linguagem construída ao longo dos anos, não apareceu nas falas delas, o que demonstra, que durante sua formação tais conteúdos não tiveram a importância merecida através de seus cursos de formação.

Verificamos também que, as relações entre as professoras deste grupo escolar, acontecem de forma conturbada, devido às diferenças entre elas. Por esse motivo a ideia de se pensar em uma forma de assessoria ou até mesmo em uma construção coletiva dos conteúdos de educação física de forma sistemática, não se faz possível.

A característica dos cursos de formação associada a carga horária exaustiva das professoras em sala de aula, são fatores que contribuem para as impossibilidades do fazer educação física nesta escola.

Como alternativa, a parceria da escola com os estagiários do curso de educação física da UFRGS, é o que torna o fazer possível para essas turmas de anos iniciais. Segundo professoras e direção, o estágio de educação física consiste em um trabalho qualificado para o desenvolvimento integral dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É recorrente ao recorrermos às lembranças dos anos iniciais do ensino fundamental, recordar da querida professora unidocente, dedicada, carinhosa, atenta a todas as dificuldades de seus alunos, sempre presente e acolhedora. Esse foi um dos motivos que me levaram a procurar o magistério como profissão, porém, como a maioria das professoras, ao entrar em uma sala de aula pela primeira vez tive o sentimento de que minha formação não era suficiente para aquela demanda. A educação física foi o que mais chamou minha atenção no meu processo de escolarização, contudo o currículo da escola em que estudei essa disciplina não possuía muita carga horária e parecia não ser elegida como importante se comparada com outros componentes curriculares.. E este foi um dos motivos que me levaram a buscar no curso superior conhecimentos sobre educação física.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, professoras com as mais diversas formações ministram aulas na condição de professoras unidocentes. Essa professora é responsável pelo planejamento e seleção dos conteúdos que devem estar presentes na educação de seus alunos. Entre esses conteúdos a educação física, deveria ocupar um espaço relativamente próximo dos demais componentes curriculares nesse planejamento, contudo após conversar com as professoras unidocentes de uma escola estadual em Porto Alegre, pude perceber que a educação física acontece de diferentes formas dentro de um mesmo grupo escolar. Assim, o objetivo do trabalho foi compreender as diferentes formas de fazer educação física e suas (im)possibilidades nos anos iniciais do ensino fundamental por professoras unidocentes em uma escola estadual de Porto Alegre. Guiada por esse objetivo, pude perceber que as diferentes formas de contemplar (ou não) nos planejamentos e de se fazer (ou não) educação física por parte das professoras investigadas estão relacionadas às vivências, processos formativos e ao conhecimento delas sobre os temas da disciplina. Além disso, por identificar que a unidocência acontece de variadas formas dentro de uma mesma escola sugiro, a partir desse estudo, e um olhar mais atento para a unidocência o qual possibilite compreendê-la de forma

complexa e que é atravessada por inúmeros elementos da nossa cultura e sociedade.

Ao compreender a docência enquanto uma construção social e cultural que é materializada de diferentes formas, fui me questionando ao longo do trabalho sobre os significados da unidocência para as professoras participantes deste estudo. Nesse percurso investigativo as respostas que pude ir elaborando foram variadas, sendo que a questão salarial e o fato de ser única docente dentro da sala de aula foram centrais para compreender suas formas de condução de seus planejamentos e modos de atuação. A relação dessas professoras com os diferentes componentes curriculares demonstrou ligação com sua formação e vivências. Formadas em letras, matemática e pedagogia, essas professoras preferencialmente trabalhavam com esses componentes de forma mais efetiva.

Quando a pesquisa iniciou pensei que encontraria dentro da escola diferentes formas de fazer educação física através da unidocência. Contudo após as entrevistas percebi que a educação física dentro desta escola possui mais impossibilidades do que possibilidades nos anos iniciais, o que de certa forma me surpreendeu. As professoras relatam não ter conhecimento específico na área para realizar atividades que contemplam a educação física e assim incluí-las em suas rotinas de planejamento. Além disso, devido entenderem que possuem pouco conhecimento sobre esse componente curricular, quando optam por dar aulas de educação física acabam, na maioria das vezes, recorrendo às suas vivências da infância. As relações delas como grupo escolar também impossibilita essas aulas, dificultando a troca de saberes entre as professoras unidocentes e especialista.

Contudo, isso não significa que a educação física não acontece nos anos iniciais. A maneira que a escola encontrou de contemplar esse conteúdo, foi através da parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde alunos do curso de educação física realizam estágio docente no ensino fundamental.

A literatura atualmente tem diversos estudos olhando para a realidade das professoras unidocentes, procurando relações entre sua formação e as

aulas de educação física. Neste estudo pudemos verificar que a construção deste conhecimento se dá logo nas primeiras experiências em sala de aula, como aluna e como professora. Ao olhar para o cotidiano dessas professoras e perceber como a unicência e as relações com o saber estão entrelaçadas no seu fazer, nos mostra que a educação física escolar está além do querer fazer. Por esse motivo pensar em educação física escolar utilizando apenas uma escola, pode parecer insignificante. Mas olhar a Educação nesse pequeno contexto pode ajudar outros professores na busca de diferentes estratégias que faça sentido para outros contextos escolares.

Ao término do trabalho algumas questões ainda se fazem pertinentes ao pensar no tema educação física e unicência, e nos levam a pensar em outras questões importantes dentro deste contexto:

- Hoje nas escolas estaduais do Rio Grande do Sul, como a educação física coloca-se dentro do projeto político pedagógico das escolas?
- Como direção e professores poderiam pensar coletivamente em formas de um “fazer” educação física dentro nos anos iniciais do ensino fundamental?
- Com todo o conhecimento publicado dentro da área da educação física, de que forma poderíamos aproximar essa produção das professoras unicentes, e assim potencializar suas possibilidades de fazer educação física?
- De que forma a inclusão de um professor especialista seria possível nos anos iniciais do ensino fundamental?

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 15-34. (Coleção Pesquisa Qualitativa/ coordenada por Uwe Flick)

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física. Brasília, DF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em 15/10/2018

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf Acesso em 15/10/2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. 5. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados : Edições Câmara, 1996. Disponível em: Http://Bd.Camara.Gov.Br/Bd/Bitstream/Handle/Bdcamara/2762/Ldb_5ed.Pdf. Acesso em 15/10/2018

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Diário Oficial da União, DF, 15 dez. 2010b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em 15/10/2018

CONTREIRA, C. B; KRUG, H. N. Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental: um estudo de caso com professores unidocentes. **Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 15, nº 150, nov. 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em 12/05/2019

CRUZ, S. P. da S e NETO, J. B. A polivalência no contexto da docência nos anos iniciais da escolarização básica: refletindo sobre experiências de pesquisas. **Revista Brasileira de Educação**. Vol.17 nº 50 maio-agosto 2012. <http://www.scielo.br> Acesso em 02/05/2019

FONSECA, D.G. e CARDOSO, L. T. A Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental: a questão da unidocência. **Revista Kinesis**. Santa Maria, ed.32, Vol 1, janeiro-junho de 2014. <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/15601> Acesso em 25/06/2018

FRAGA, A.F. Educação Física nos primeiros anos do ensino fundamental brasileiro. **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 10, Nº 90, Noviembre/2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em 21/10/ 2018 Acesso em: 16/05/2019

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.183-198

LIMA, V. M.M. A Complexidade da docência nos anos iniciais na Escola Pública. **Nuances, Estudos sobre educação**, Presidente Prudente, SP, v.22, n. 23, p. 148-166, Maio/Agosto. 2012. Disponível em:
<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/1767/1701>
Acesso em:12/05/2019

NORA, D.D.; SAWITZKI, R. L. A Educação física nos anos iniciais com professores unidocentes. **Cadernos de formação RBCE**, p.68-79, mar. 2014. Disponível em:
<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos> Acesso em:21/05/2019

OLIVEIRA, R. C. O Trabalho do Antropólogo: olhar,ouvir,escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 1996, v. 39 n° 1. Disponível em:
http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/MINI%20CURSO%20RAFAEL%20ESTRADA/TrabalhodoAntropologo.pdf Acesso em 21/05/2019

RIO GRANDE DO SUL. Lições do Rio Grande, Linguagem, códigos e suas tecnologias/ Artes e Educação Física, v.2, 2009. Disponível em
portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000011650.pdf Acesso em 15/10/2018

SANTOS, N. Z.; BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. Vida de professores de educação física : o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.15, n.02,p 141-165, Abril/Junho de 2009. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/3067/5139> Acesso em 12/05/2019

SOARES, C. L. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. In: **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, suplemento 2, p. 6-12, 1996. acesso em 08/05/2019. <http://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139637> Acesso em 08/05/2019.

APÊNDICE 1

Termo de consentimento livre esclarecido

Porto Alegre, ____ de _____ de 2019.

Você está sendo convidada(o)a participar de um estudo sobre “A Educação Física e o trabalho unidocente: as diferentes formas de fazer e suas(im)possibilidades”.

Dessa forma, peço que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com a sua assinatura, sua participação neste estudo.

Você receberá uma cópia deste Termo, para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

Objetivo do Estudo:

Compreender como a Educação Física acontece nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com as professoras unidocentes, quais são as (im)possibilidades e as diferentes formas de fazer Educação Física.

Procedimentos:

Participar de uma ou mais entrevistas, previamente agendada, a ser realizada num local combinado. Esta entrevista será gravada, transcrita e devolvida para sua confirmação das informações coletadas. Possibilitar a pesquisadora observar aulas, e momentos que fazem parte da rotina da turma caso necessário.

Riscos e Benefícios do Estudo:

1) Sua adesão como colaborador(a) com este estudo, oferece riscos mínimos à sua saúde (relacionados as lembranças que podem trazer mal estar), e não submeterá a situações constrangedoras.

2) Você receberá cópia da sua entrevista para validar, retirar ou modificar as informações, a seu critério, antes do texto ser transformado em fonte da pesquisa.

3) Este estudo poderá contribuir para uma melhor compreensão sobre as relações entre a Educação Física e a unicidade.

Confidencialidade:

Todas as informações coletadas, sob a responsabilidade da pesquisadora, preservarão a identidade dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não autorizadas.

Voluntariedade:

A recusa da participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento, se assim for seu desejo.

Novas informações:

A qualquer momento os(as) participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o projeto de pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com a pesquisadora.

Contatos e Questões: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ESEF/UFRGS

Carolina Caneva da Silva

E-mail: carolcaneva@gmail.com

Fone: (51) 99236-1961

Pesquisado (a)

Carolina Caneva da Silva - (Graduanda da ESEFID/UFRGS)

APÊNDICE 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Idade:

Cidade onde nasceu?

bairro?

Relate alguma lembrança da sua sua infância nessa cidade/bairro?

Relate algumas lembranças do tempo em que estava na escola?

Do tempo em que eras alun@, o que lembrás das aulas de educação Física?

FORMAÇÃO

Em quais escolas estudou?

Em que etapa da vida decidiu ser professora?

Quais foram os aspectos que te levaram a ser professora?

Como foi o início da sua formação?

- Fez magistério? Onde?
- Cursou o Ensino Superior? Onde?

Possui Pós Graduação?

- especialização?
- mestrado?
- tem interesse em realizar um desses cursos?
- em que área?

Já realizou cursos de formação continuada? sobre quais temas?

- tem interesse em realizar um desses cursos?
- em que área?

Nesta trajetória de formação a Educação Física foi abordada? de que formas?

EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

Em que ano começou a lecionar?

Qual era a escola?

Onde ela está situada?

Sabe dizer se ela ainda funciona da mesma forma?

Existia a disciplina de Educação Física nos anos iniciais?

Como eram as aulas de educação física?

Quais as outras escolas e séries (anos) já trabalhou?

E sobre o essa escola? Desde quando atua?

Como você percebe essa escola em relação à organização, infraestrutura, participação da comunidade e dos pais?

Em que séries/ano atua?

Relata um pouco como é a sua turma?

Como você realiza o seu planejamento? Há trocas entre outros colegas?

Quais são as facilidades e dificuldades que encontra nesse momento da sua atuação?

UNIDOCÊNCIA

O que você entende por criança/infância?

O que é a unidocência?

Como você vê essa forma de atuação?

Quais os conteúdos, ou disciplinas, devem estar presentes no currículo da série/ano em que atua hoje em dia?

Como você organiza os horários para cada matéria?

De que maneira se controla ou fiscaliza essa carga horária e esse planejamento?

Como as aulas de educação física estão presentes e integram essa grade de horários?

A EDUCAÇÃO FÍSICA

Qual importância da educação física para o desenvolvimento dos alunos?

Quais conteúdos você trabalhada nas aulas?

Quais os objetivos e as formas de avaliação?

O que considera mais importante na Educação Física?

A formação que teve foi o suficiente para trabalhar com a Educação Física nos anos iniciais?

Quais as maiores facilidades e dificuldades em trabalhar com a Educação Física?

Há algum material de apoio que você utiliza para planejar suas aulas?

- Por exemplo algum material distribuído pelo governo?

Acredita que um professor específico de educação física, ou estagiário possa contribuir para a elaboração dessas aulas?

Você já teve estagiários? Como foi sua experiência?

Existe algum curso, ou formação continuada na área da educação física que você tenha cursado ou que você tenha conhecimento?

O que poderia ser diferente ou melhorado em um contexto geral para que as aulas de Educação Física acontecesse de forma mais significativa para as crianças?